

Nota Técnica 32/2019

Procedimento de Apoio a Atividade Fim nº MPMG - 0024.17.018336-2

1. **Objeto:** Escultura de iconografia religiosa, representando São José de Botas. A peça foi ofertada no “87º Grande Leilão de Arte Dagmar Saboya”.
2. **Objetivo:** Verificar se a escultura é procedente de templo religioso de culto coletivo.
3. **Contextualização:**

Aportou nesta Coordenadoria a informação de que escultura sacra, supostamente feita por Antônio Francisco Lisboa – Aleijadinho, estava sendo ofertada na *internet*.

Diante desta informação realizou-se análise da peça, bem como da possibilidade de ter sido subtraída de templo religioso de culto coletivo.

Ante ao exposto, foi instaurado Procedimento de Apoio a Atividade Fim nº0024.17.018336-2 para apurar se a peça de “São José de Botas”, atribuída a Aleijadinho, constante do catálogo 87º Grande Leilão de Arte Dagmar Saboya, possuía características condizentes com o culto coletivo.

4. Análise Técnica:

A referida denúncia chegou a esta Coordenadoria com ênfase na informação de que se tratava de obra atribuída a Aleijadinho.

Ressalva-se que a autoria ser de Aleijadinho, por si só, não determina a função da obra – se integrante a templo religioso destinado a celebrações religiosas coletivas – de “culto coletivo”. No entanto, há de se considerar, neste aspecto, que a quase totalidade de obras produzidas pelo referido Mestre foram destinadas às Igrejas. Ou seja, em sendo uma obra de Antônio Francisco Lisboa – Aleijadinho, a probabilidade de ter sido produzida para integrar templos religiosos coletivos é consideravelmente alta.

Não obstante, para se concluir acerca da autoria são necessários estudos minuciosos e aprofundados. Trabalhos desta natureza têm sido desenvolvidos pelos *experts* em Aleijadinho: Olinto Rodrigues, Antônio Fernando Batista dos Santos e Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira - autores do Catálogo “O Aleijadinho e sua Oficina”. Estes



pesquisadores se debruçaram sobre a figura de Aleijadinho, sua obra, oficina, estilemas, entre outros aspectos. Dessa forma, requerimentos que pleiteiam atribuição de autoria ao Aleijadinho devem ser endereçados ao IPHAN/Brasília.

No presente parecer não se envidará análise de autoria, em razão da complexidade deste trabalho. Para tal, seria necessário empreender ampla pesquisa documental, análises aprofundadas da obra (forma, estilo, iconografia, material, técnica empreendida, entre outras) e a realização de exames específicos os quais, mesmo de posse da obra, o Ministério Público não poderia realizar por não dispor dos meios/equipamentos necessários.

Neste ponto, importante esclarecer que outros fatores, para além da autoria, podem ser ponderados para se estabelecer se o item em questão pertence ou não a templo religioso. Assim, foram levantados outros dados acerca da escultura – o que inclui a verificação no cadastro de peças sacras desaparecidas, a fim de verificar se a imagem está nele cadastrada.

Inicialmente consultou-se a página na *internet* Dagmar Saboya (Leiloeiro responsável pela oferta da peça). Verificou-se, que o São José de Botas, atribuído ao Aleijadinho, figura como lote de número 130. A peça estava sendo ofertada por R\$ 700.000,00:

**ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA, O ALEIJADINHO
(1738-1814)
São José de Botas**
Extraordinária imagem brasileira, esculpida, em madeira policromada. Minas Gerais. Séc. XVIII. Obra reproduzida no livro: - 'Lugares de Aleijadinho'
Biblioteca Mário de Andrade. Pág. 136.
Alt 69 cm.¹

No que diz respeito a este anúncio verificou-se que o leilão ocorreu na data de 24/10/2017, em São Paulo, e que a peça foi vendida.

1

<https://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=7595&ctd=1&tot=1&tipo=>



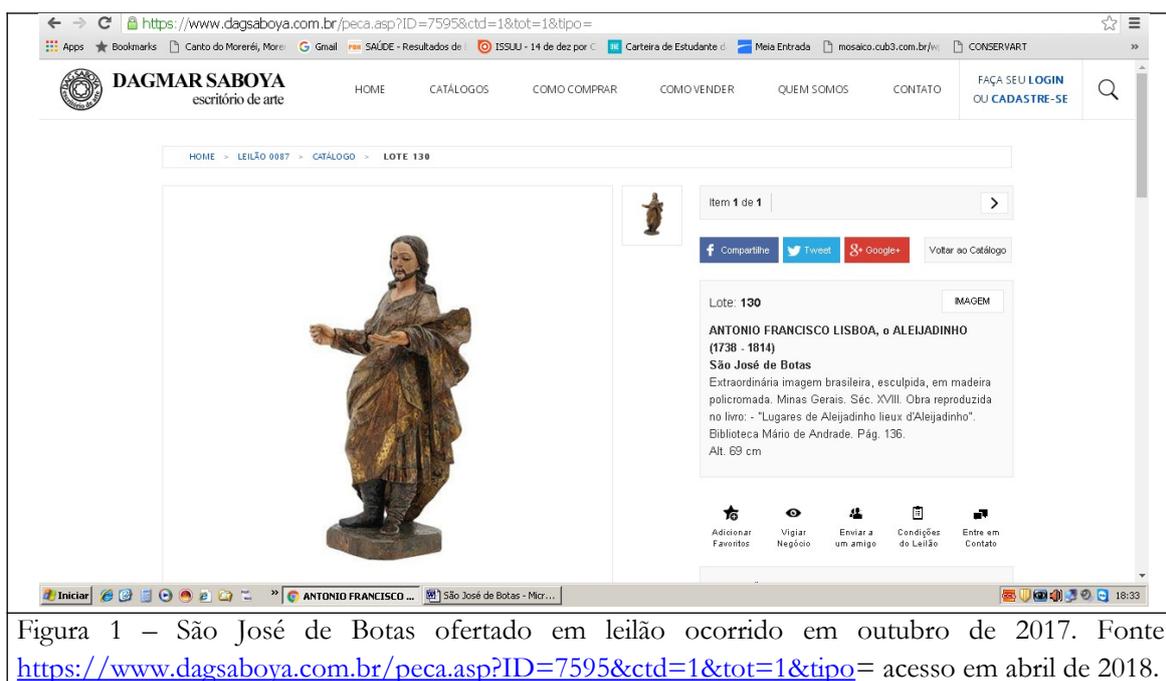


Figura 1 – São José de Botas ofertado em leilão ocorrido em outubro de 2017. Fonte: <https://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=7595&ctd=1&tot=1&tipo=> acesso em abril de 2018.



Figura 2 – Pormenor do São José de Botas.
Fonte: <https://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=7595&ctd=1&tot=1&tipo=> acesso abril de 2018.

Ainda em consulta à rede mundial de computadores, no entanto, constatou-se que esta mesma peça foi colocada a leilão, no *site* Dagmar Saboya, na data de 08/12/2015. Naquela ocasião, obviamente, a peça não foi vendida. Observou-se que - apesar das descrições serem as mesmas - a peça tinha outro aspecto do ponto de vista cromático.



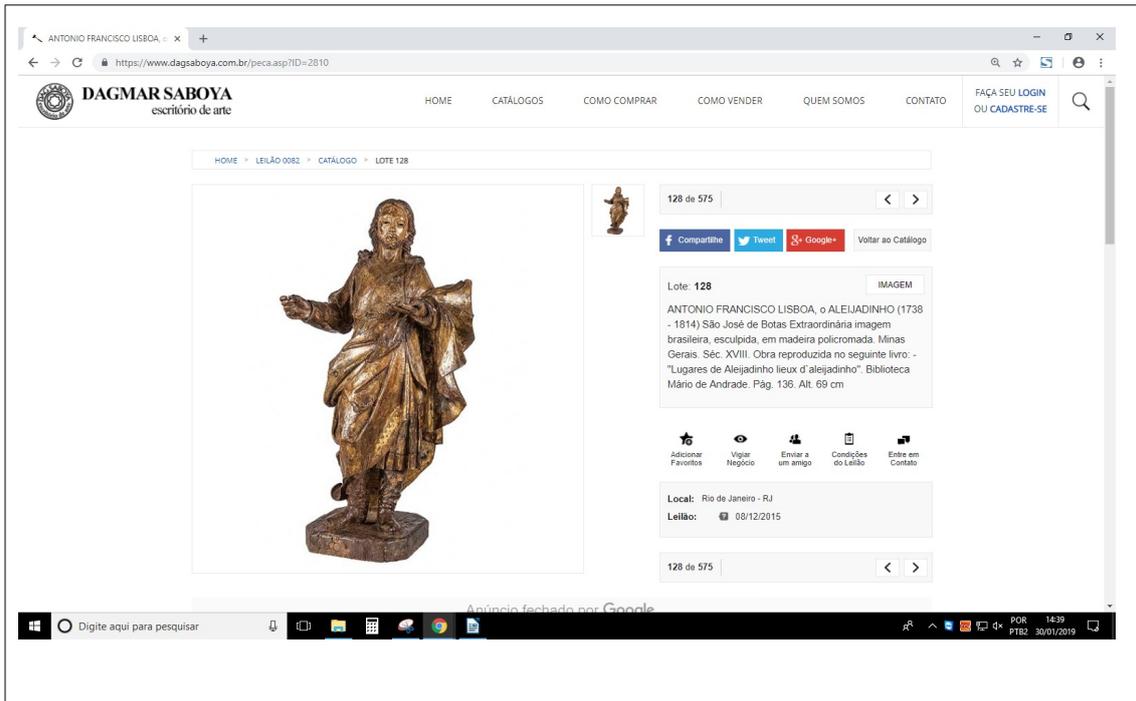


Figura 3 - São José de Botas ofertado em leilão ocorrido em dezembro de 2015.
Fonte: <https://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=2810> acesso em abril de 2018.



Figura 4 - Pormenor do São José de Botas.
Fonte: <https://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=2810> acesso em abril de 2018.





Em comparação às figuras 5 e 6 observa-se que as peças apresentam formas correspondentes, as informações centrais, apresentadas no *site* do leilão, também correspondem, assim como a dimensão relatada. Verifica-se, no entanto, que a peça ofertada em outubro de 2017 está policromada nos seguintes pontos: carnação (policromia da pele), cabelo, botas. Ao passo que a peça ofertada em dezembro de 2015 não apresenta policromia nos pontos descritos, possuindo, apenas, uma camada de verniz por toda a sua superfície (pelo que é possível perceber) e algumas áreas policromadas no manto e na parte inferior da túnica.

A ausência de policromia na peça, registrada no ano de 2015, pode ter se dado por dois fatores: 1) não foi feita; 2) perdeu-se. Nota-se, ainda, que a base da escultura foi alvo de intervenção, pois a superfície da peça ofertada em 2017 está mais lisa do que a observada na peça ofertada em 2015. Assim como a presença de rachadura foi amenizada (impressão que se tem no ângulo analisado).

Em análise às imagens, pode-se afirmar que a policromia, ao menos nos pontos indicados, não é “original” - posto que em 2015 não existia.



Em ponderação ao tipo de intervenção feita, não se pode furtar de considerar a hipótese de que, assim como a policromia, a escultura seja contemporânea.

Extrai-se de descrição, apresentada no *site* em que foi ofertada, que a peça foi reproduzida no livro “Lugares de Aleijadinho”. Em consulta à rede mundial de computadores localizou-se descrição do livro no *site* da “Livraria da Travessa”. A descrição é a que se segue:

"Lugares de Aleijadinho" revisita lugares por onde o escultor atuou em Minas Gerais, o seu estado natal. De autoria do professor Luiz Armando Bagolin, os textos ou ensaio de apresentação versam sobre lugares, aldeias, vilas e paróquias por onde circularam Aleijadinho e demais artistas da época. No livro, Bagolin também enaltece os lugares comuns nas letras e artes dos séculos V ao XVIII os quais forneciam aos artistas os modos de figuração que eram empregados nas obras deles e transmitidos conforme o costume da época ou mesmo o consuetudinário. "A obra de Aleijadinho só se tornou conhecida durante as décadas de 1930 e 1940 graças a Mario de Andrade, que ficou entusiasmado ao conhecer Minas Gerais", explica o professor. A viagem aconteceu em 1919 e foi uma visita de Mario de Andrade ao poeta simbolista Alfonso Guimarães, que vivia na cidade mineira de Mariana.

Nas datas de 27/10/2017, 09/11/2017 e 15/02/2018, tentou-se contato, via mensagem eletrônica, com o professor Luiz Armando Bagolin da Universidade de São Paulo – USP, autor do livro mencionado. Também foram enviadas mensagens eletrônicas para a secretaria do programa de Pós-graduação em História Social e para o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, solicitando contato com o professor. O retorno por parte deste, no entanto, apenas se deu no dia 20 de fevereiro de 2018. O professor esclareceu que a escultura foi exposta na Biblioteca Mário de Andrade em 2014. Disse, ainda, saber que o bem pertence ou pertenceu, não soube precisar, ao colecionador Renato de Almeida Whitaker.

Em busca desta informação localizou-se reportagem do jornal “Estadão” intitulada “Itu tem grande coleção de Aleijadinho”², datada de fevereiro de 2001. Afirma-se na reportagem que esta seria a primeira cidade paulista “[...] a exibir a mais completa coleção particular de obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho [...]”. A mostra com o nome “O Que Vemos e o Que Sabemos” ficou instalada no Museu Republicano Convenção de Itu e, pouco tempo antes, havia estado no Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro.

Depreende-se da reportagem que o acervo reúne 36 obras que seriam de Aleijadinho e estavam sob a posse do empresário e colecionador Renato de Almeida Whitaker. Em outro trecho da reportagem tem-se o seguinte: “A Senhora da Conceição é uma das três peças da coleção de Whitaker pintadas pelo mestre Ataíde, outro expoente da

² Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/itu-tem-grande-colecao-de-aleijadinho,20010202p8743> acesso em fevereiro de 2019.

arte barroca. As outras são uma Santa Luzia e um São José de Botas”. Contudo, em razão de a reportagem não apresentar foto do acervo exposto, não se pode confirmar se o São José de Botas mencionado corresponde ao objeto do presente trabalho.

Diante desta situação e após o retorno do professor da USP, novo contato foi feito na data de 05 de março de 2018. Naquela ocasião foi solicitada cópia da página do livro de Luiz Bagolin em que aparecia a escultura de São José de Botas. Tornava-se necessário verificar os seguintes aspectos:

- Estava registrada no livro a mesma peça que estava sendo vendida na *internet*?
- Existiam informações adicionais sobre a peça no livro?

Em resposta a esta solicitação específica o professor informou:

“[...] infelizmente não tenho como enviar foto da página do livro. Foi o catálogo de uma exposição realizada em 2014 na Biblioteca Mário de Andrade, feito em parceria com a Attar Editorial. A editora deve ter ainda exemplares ou a própria biblioteca.”

Também foi solicitado ao professor Bagolin se poderia dizer quem fez a atribuição a Aleijadinho. Em resposta disse:

Jamais trabalhei com atribuições ou com a ideia de atribuição porque não acredito nisso, nem muito menos com o moderno conceito de autoria, completamente inadequado se aplicado às produções anteriores ao século XX. Portanto, não sei responder à sua pergunta sobre a quem se atribui o São José de Botas.

Dessa forma, consultou-se o *site* da Attar Editorial³ e conseqüentemente o seu catálogo. O livro não consta entre as obras listadas. Realizou-se pesquisa no Sistema de Bibliotecas da UFMG, não houve resultado – o que indica a inexistência de obra naquela Universidade. Em pesquisa na *internet* verificou-se que o livro está à venda na Livraria Saraiva. Conforme foi dito anteriormente também está à venda na Livraria Travessa. Contudo, não foi adquirido por esta Coordenadoria de Justiça.

³

Disponível em: <http://www.attar.com.br/catalogo.php#antropologia> acesso em novembro de 2018.

Na sequência foi feita busca no livro “O Aleijadinho: catálogo geral da obra: inventário das coleções públicas e particulares” de autoria de Márcio Jardim, Hebert Sardinha Pinto e Marcelo Coimbra. A primeira parte do livro aborda as obras de acordo com os municípios em que se encontram no Estado de Minas Gerais, depois obras que se encontram no Estado de São Paulo. Por último, coleções particulares registro e documentos. Importante esclarecer que não há consenso, entre os especialistas, sobre as obras atribuídas ao Aleijadinho neste livro. O setor técnico desta Coordenadoria apenas fez consulta do exemplar por saber da existência de um capítulo destinado às coleções particulares que possuem obras atribuídas ao Antônio Francisco Lisboa. A pesquisa se deu em consideração à informação de que a obra “pertence ou pertenceu” a Renato de Almeida Whitaker, por isso realizou-se exame no livro. Entretanto, a peça em análise não consta entre as listadas no volume.

Em consulta à rede mundial de computadores, outras fotografias da peça ofertada no domínio virtual do Dagmar Saboya foram localizadas. Porém, não há nenhuma informação no *site* além dos registros fotográficos que se seguem. Em observação à foto nota-se que a escultura está sob um suporte, resguardada dentro de uma estrutura quadrada de vidro. Atrás desta peça é possível ver outras em igual situação, assim como quadros. Este contexto permite aventar que se trata de uma exposição. Em razão da ausência de informações não foi possível saber onde e quando ocorreu.



Figura 7 – São José de Botas em exposição.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_\(02\).jpg?uselang=pt-br](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_(02).jpg?uselang=pt-br) acesso em fevereiro de 2019.





Figura 8 - São José de Botas em exposição.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_\(03\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_(03).jpg) acesso em fevereiro de 2019.

Assim, continuou-se a procurar pela exposição e foi localizado registro fotográfico cujo espaço corresponde ao registrado na foto do São José de Botas. Segue.





Figura 9 – Destaque para montagem de quadros ao fundo de local onde o São José de Botas se encontra. Fonte:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_\(02\).jpg?uselang=pt-br](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aleijadinho_-_S%C3%A3o_Jos%C3%A9_de_Botas,_s%C3%A9c._XVIII_(02).jpg?uselang=pt-br)
acesso em fevereiro de 2019.

Figura 10 - Destaque para montagem de quadros ao fundo de local onde o São Francisco de Assis se encontra. Fonte:

<http://familiaqueviajajunto.com.br/2018/03/25/imagens-do-aleijadinho-no-masp/> acesso em fevereiro de 2019.

Em análise às fotos observa-se que o São Francisco de Assis (figura 10) aparece ao fundo, no canto superior esquerdo do registro fotográfico do São José de Botas (figura 9). O padrão do piso, a cor da parede, os suportes e as estruturas de vidro são iguais nos dois espaços registrados. Para além, o padrão e a expografia dos quadros na parede ao fundo são correspondentes. Em razão destas semelhanças, considerou-se haver indícios suficientes para afirmar que as peças foram expostas em mesmo local e data. Tomou-se conhecimento, no domínio virtual onde a figura 10 foi localizada, que a foto foi feita por ocasião da exposição intitulada “Imagens do Aleijadinho”⁴ que ficou em cartaz entre de 10 de março a 2 de junho de 2018, no Museu de Arte de São Paulo - MASP.

⁴ Disponível em: <http://familiaqueviajajunto.com.br/2018/03/25/imagens-do-aleijadinho-no-masp/> acesso em fevereiro de 2019.



Ante ao exposto, realizou-se busca no domínio virtual do MASP, tendo sido localizado dados, bem como fotos da exposição. Verificou-se a presença da imagem, em tela, na exposição, confirmando que foi recentemente apresentada ao público. Contudo, não há informação sobre quem é o atual detentor da imagem.

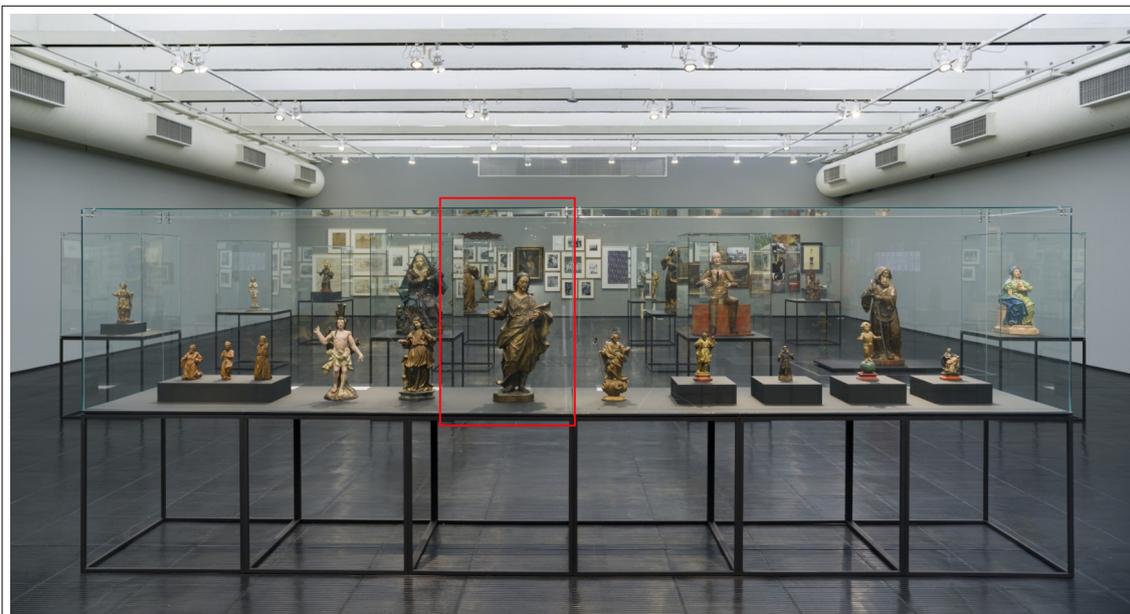


Figura 11 – Peça, objeto deste trabalho, em exposição no MASP.

Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/aleijadinho> acesso em fevereiro de 2019.

As fotos 9 e 10 são aproximadas e, por isso, permitem que mais detalhes da imagem sejam visualizados. Assim, percebeu-se que, na montagem, não houve um compromisso com a iconografia da peça. O São José, usualmente, leva em sua mão direita um cajado ao passo que em, com o auxílio de sua mão e braço esquerdos, carrega o menino Jesus – que não está junto a esta escultura.

No entanto, a rotação em que se encontra a mão esquerda do São José exposto no MASP, não permite que o menino seja nela fixado. As mãos podem ser feitas em blocos distintos e, por isso, serem de encaixe – o que possibilitaria uma rotação inadequada. Neste contexto é possível voltar a mão da imagem para a posição adequada.

O fato é, contudo, que a mão ter sido colocada em posição errada permitiu verificar que não há nela algo que possibilite o encaixe de uma escultura representando o menino Jesus. Ao não ser esculpido em um bloco único, com o São José, o menino teria que ser de encaixe.

Não se descarta a possibilidade de que, ao ser policromada, tenha sido encoberta na mão alguma marca que indicasse o encaixe do menino Jesus. A análise da peça está sendo feita por foto, assim mesmo é possível perceber que a carnação tem certa qualidade, tendo



sido executada por pessoa com possível experiência neste tipo de trabalho. Neste caso, não encobriria ou eliminaria elemento que possibilitasse o encaixe do menino Jesus, pertinente para a iconografia da peça. O que permite supor a inexistência de um sistema de encaixe.

Para este ponto as hipóteses são: 1) policromia encobriu marca que indicaria a presença de algum elemento que viabilizasse o encaixe do menino Jesus; 2) as mãos originais se perderam, foram feitas novas mãos e estas não contemplaram nenhum sistema de encaixe para o menino (considerando a hipótese de que esta peça se perdeu); 3) trata-se de peças contemporâneas, tendo sido feita sem considerar os pormenores da iconografia do São José de Botas.

Após estas pesquisas iniciais, consultou-se o Sistema de Registro de Peças Sacras Procuradas, banco de dados desenvolvido pelo Ministério Público. Procurou-se por “São José” e a busca retornou com 16 (dezesesseis) resultados:

- Destes 16, 5 estão designados como “São José de Botas”, e 11 apenas como “São José”;
- Do total de 16 cadastros 2 são atributos (não são esculturas, mas acessórios de esculturas). Ou seja, restam 14 esculturas cadastradas;
- Dos 14 cadastros 6 possuem fotos e 8 não possuem fotos;
- Dos 6 cadastros que possuem fotos verificou-se que não se trata de mesma peça;
- No que diz respeito aos 8 cadastros sem foto tem-se a dizer que 2 destes possuem altura cadastrada de 100 cm. A imagem de São José de Botas foi descrita no *site* de leilão Dagmar Saboya como tendo 69 cm de altura, ou seja, não corresponde com a dimensão destes cadastros, em específico. Portanto, restam 6 cadastros;
- Dos 6 cadastros restantes 4 estão cadastrados como “São José” e 2 como “São José de Botas”. Não foi possível fazer a comparação de nenhum destes com a peça ofertada, em virtude de não possuírem fotos, dimensões e descrições cadastradas. Efetivamente, considerando a designação cadastrada, tem-se a dizer que 2 cadastros configuram-se como uma possibilidade em aberto. São eles:
 - São José de Botas, furtado em 20 de maio de 1978, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, edificada no Distrito de Santa Rita Durão - pertencente ao município de Mariana – MG.
 - São José de Botas, furtado em 17 de novembro de 1994, da Igreja de Santo Antônio, edificada no município de Ouro Branco - MG.

5. Conclusões e Sugestões:

Estudos de atribuição são complexos, motivo pelo qual não se realizou a averiguação do dado que informa se tratar de peça feita por Antônio Francisco Lisboa. As razões foram explicitadas anteriormente.

Aventa-se que a policromia, ao menos nos pontos indicados, não seja “original” - posto que não existia em 2015. Em ponderação a esta situação, não se pode furtrar de considerar a hipótese de que, assim como a policromia, a escultura seja contemporânea. Soma-se a esta hipótese o fato de a mão direita da peça não apresentar vestígios de elemento de fixação do menino Jesus. Foram pensados outros motivos para esta situação. A policromia pode ter encoberto marca que indicaria a presença de algum elemento que viabilizasse o encaixe do menino Jesus. Ou as mãos originais se perderam e foram feitas novas mãos. Estas, por sua vez, não contemplaram nenhum sistema de encaixe para o menino. Para a comprovação destas hipóteses faz-se necessário a realização de diversos exames. Estes não podem ser feitos por este Parquê, em razão de não dispor do espaço e dos equipamentos necessários.

Esculturas oriundas de templos religiosos de culto coletivo, em regra, apresentam grandes dimensões – a partir de 30/40 cm de altura. As imagens retabulares, como o próprio nome indica, são destinadas ao culto nos retábulos, têm como algumas de suas distinções básicas a expressividade dramática, concentrada no olhar direcionado para baixo, e a adequação formal ao retábulo⁵, motivo pelo qual possuem maiores dimensões. A dimensão de altura descrita para a peça é compatível com imagens retabulares. Foram encontrados dois cadastros no banco de dados desenvolvido pelo Ministério Público de Minas Gerais que se configuram como uma possibilidade em aberto.

Em razão da necessidade de compilar ainda outras informações sobre esta escultura, **sugere-se:**

- A fim de coletar dados para confrontação com a peça em análise, com o objetivo de confirmar ou descartar a hipótese de se tratar de mesma peça, que seja oficiada a Arquidiocese de Mariana, solicitando o encaminhamento, a esta Coordenadoria de Justiça, de informações (descrição, fotografias, entre outros dados) sobre o São José de Botas, furtado em 20 de maio de 1978, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, edificada no Distrito de Santa Rita Durão - pertencente ao município de Mariana – MG e também sobre o São José de Botas, furtado em 17 de novembro de 1994, da Igreja de Santo Antônio, edificada no município de Ouro Branco – MG;

⁵ OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A Escola Mineira de Imaginária e suas particularidades in: COELHO, Beatriz (org). Devoção e arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 21,22.

- Seja oficiado o Museu de Arte de São Paulo - MASP solicitando informações sobre quem é o detentor da peça objeto deste trabalho. Supõe-se que o Museu tenha esta informação em razão de recente exposição realizada em seus domínios;
- Dada a relevância da informação de que se trata de peça esculpida por Antônio Francisco Lisboa, e, por isso, a probabilidade de ter sido produzida para integrar templos religiosos coletivos ser razoável, que seja oficiado ao IPHAN/Brasília requisitando análise da peça sacra pelos *experts* Olinto Rodrigues, Antônio Fernando Batista dos Santos e Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira.

Belo Horizonte, 05 de fevereiro de 2019.

Paula Carolina Miranda Novais
Ministério Público – Mamp 4937
Historiadora especialista em Cultura e Arte
Conservadora-Restauradora

